

O COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO PÚBLICA POR MEIO DO CULTO DA SAUDADE: INVESTIGANDO O CARÁTER EDUCATIVO DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Ana Carolina Gelmini de Faria

carolina.gelmini@ufrgs.br

A investigação centra-se no caráter educativo do Museu Histórico Nacional, primeira metade do século XX, se vinculando aos estudos da História da Educação, História Cultural e História dos Museus. Por meio da análise de textos – como documentos oficiais; matérias de jornais; e publicações – conclui que o caráter educativo do Museu era intenso, diverso e complexo, correspondendo à intencionalidade do intelectual que a dirigia e dos profissionais que lá trabalhavam, formulando representações e práticas que potencializaram o culto ao passado por meio dos objetos eleitos como aptos a construírem uma narrativa de glórias e heróis, destacando os museus históricos enquanto espaços de instrução do Estado em favor da adoração da pátria, uma das diversas possibilidades de se refletir sobre a História do Brasil.

Palavras-chave: História dos Museus, História da Educação, Educação em Museus, Museu Histórico Nacional, Culto da Saudade.

APROXIMANDO-SE DO OBJETO DE ESTUDO

O recorte temático apresentado no trabalho proposto, *O COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO PÚBLICA POR MEIO DO CULTO DA SAUDADE: investigando o caráter educativo do museu histórico nacional*, faz parte de um projeto de pesquisa que resultou na dissertação intitulada *O caráter educativo do Museu Histórico Nacional: O Curso de Museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (Rio de Janeiro, 1922-1958)*, defendida no ano de 2013 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS)¹.

A dissertação tem por uma de suas premissas que o Museu Histórico Nacional, localizado na antiga capital do Brasil, Rio de Janeiro, ao implementar projetos de curta, média e longa duração – como o Curso de Museus em 1932 – passou a constituir uma matriz intelectual para os museus brasileiros, propulsora de um conhecimento próprio para o campo dos museus. Assim, ao percorrer um itinerário de pesquisa centrado na História da Educação, percebe-se que desde sua fundação o Museu Histórico Nacional tinha uma dimensão educativa a cumprir, ampliando a cada década seus serviços e impacto cultural.

No recorte do presente trabalho será apresentado, em especial, informações obtidas entre as décadas de 1940 e 1950. O principal motivo é a publicação dos Anais do Museu Histórico Nacional, importante fonte de pesquisa para a investigação, uma vez que o corpo funcional da instituição era convidado a escrever e publicar no periódico sobre as principais ações que ocorriam no Museu.

A história dos museus brasileiros ainda possui diversas lacunas a serem investigadas, sob diferentes prismas que contribuirão para evocar a complexidade da gestão do patrimônio cultural. Nesta perspectiva, entre os novos horizontes que se ampliam, a interface entre a História da Educação e a História Cultural tem muito a contribuir na reflexão sobre as práticas educativas promovidas nos museus brasileiros, enfoque até então pouco aprofundado nas investigações destas

áreas, bem como pela própria Museologia. Possamai ressalta (2012, p.117):

Pensar que a história da educação tem uma interface com a história implica pensar que o patrimônio da história da educação é uma construção histórica e social e não um conjunto determinado de bens culturais naturalizados como patrimônio de uma coletividade. Nesse sentido, à história da educação caberia propor problemáticas a esses bens culturais na perspectiva do conhecimento histórico.

Uma proposta foi colocada energicamente como o propósito do Museu Histórico Nacional: ser um retrato do Brasil. No período estudado foi possível perceber a dimensão educativa da instituição nas práticas voltadas para estimular o público a se relacionar com o passado, construindo sólidas representações. Como Chartier (2011, p.16) analisa “as representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é”. Portanto, das práticas museográficas surgiram algumas ações bem delineadas sobre seu potencial didático que, ao serem postas em execução, criaram representações do museu que o reforçaram enquanto espaço de aprendizagem.

ESCOLA DE PATRIOTISMO: APONTAMENTOS SOBRE A DIMENSÃO EDUCATIVA DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

O caráter educativo do Museu Histórico Nacional sempre foi pontuado como uma das justificativas de sua existência. Diretor e equipe da instituição declaravam constantemente este viés como o valor do trabalho cotidiano, dos projetos desenvolvidos, da contribuição da instituição para o público visitante, compreendendo o museu enquanto profusão de civismo. O decreto de criação nº15.596 de 02 de Agosto de 1922² ressaltou esse compromisso educativo:

[...] será da maior conveniência para o estudo da História da Pátria reunir objetos a ela relativos que se encontram nos estabelecimentos oficiais e concentrá-los em museu, que os conserve, classifique e exponha ao público e, enriquecido com os obtidos por compra ou doação ou por legado, contribua, como escola de patriotismo, para o culto do nosso passado. (BRASIL, 1946, p.3).

No contexto dos grandes eventos ocorridos em 1922 em razão do Centenário da Independência, o desejo de se criar um espaço fixo destinado à história do Brasil, somado aos discursos de intelectuais, neste caso em especial o de Barroso, deram origem ao Museu Histórico Nacional. Para Abreu (1996), o presidente Epitácio Pessoa ter nomeado Gustavo Barroso para dirigir este museu era expressão de um ritual de honrarias e privilégios estabelecido entre Estado e intelectuais e, neste caso, acima de tudo, entre intelectuais com as mesmas origens.

O então primeiro diretor do Museu Histórico Nacional dedicou grande parte de sua vida a esta instituição que, além de preservar as relíquias do passado poderia, aos olhos do intelectual,

ser também sua imortalidade. É possível aproximar a trajetória de Gustavo Barroso no campo dos museus com o conceito de *poética da história* de Stephen Bann (1994), ao observar que o intelectual almejou construir uma determinada conscientização histórica evocada na proposta de cultuar a saudade. Para isso, baseou-se na prática antiquária, buscando autênticas relíquias de eventos e personagens que representassem valores e tradições: “[...] um museu é uma evocação do passado que dá a sensação de épocas vividas ou civilizações que desapareceram. Dele se evola uma revoada de sonhos e fantasias, de sentimentos que dilatam a alma e a emocionam” (BARROSO, 1951, p.66).

O Museu Histórico Nacional, no período investigado, teve como evidência a característica que a pesquisadora Myrian Sepúlveda dos Santos atribui de *museu-memória*, compreendendo um discurso valorizador da continuidade entre passado e presente, abnegando o tempo que se projeta ao futuro. Assim, os objetos eram compreendidos mais que exemplos, ao entrar no museu passavam a ser considerados as amostras do passado capazes de refletir um simbolismo para além da materialidade. Segundo Santos, a validação desta construção era coletiva: “Esta memória dos objetos é resultado não só do discurso dos diretores e amigos do museu, como da própria sociedade que o aceita” (2006, p.48).

Myrian Sepúlveda dos Santos (2006, p.34) ressalta que o museu idealizado por Barroso não tinha por objetivo representar um Brasil dinâmico, projeto que diversas frentes buscavam apresentar; sua proposta estava situada dentro de uma “linha nacionalista e militarista típica dos museus europeus da década de 1920”. O Museu Histórico Nacional para o seu primeiro diretor não tinha por missão fundamentar novas construções de Nação, ao contrário, a singularidade da instituição se fortalecia por evocar um passado já existente, e neste, cultuar suas autenticidades.

Segundo Oliveira (2003) Gustavo Barroso desenvolveu no *Culto da Saudade* um mote pela construção da memória nacional, baseada na valorização emotiva, construindo uma “alma da pátria” que pudesse ser sentida e revivida pela evocação do passado. Esta proposta se pautava em uma sensibilidade e prática antiquária, atribuindo aos objetos valor de autenticidade e de representação enquanto vestígios, operação que este desenvolvia desde a infância pelo seu espírito colecionista - garimpando objetos da própria casa. Magalhães (2004) analisa como os objetos se tornaram elementos-chave para a consolidação desta expressão:

O Culto da saudade deveria ser um ritual sagrado e oficializado, no qual os cidadãos reverenciariam os heróis nacionais, a exemplo da devoção dos fiéis católicos aos santos. As relíquias, neste ritual, assumem papel semióforo fundamental. Por terem entrado em contato com algum vulto ilustre ou estado em “grandes acontecimentos”, recebiam uma aura de sacralidade, que ligava os vivos aos mortos pela afetividade. Nessa relação com o passado não havia lugar para a razão ou a crítica, pois as emoções deveriam inundar essa experiência de se conhecer o que não mais existia. (MAGALHÃES, 2004, p.29).

O Museu Histórico Nacional, segundo Pereira (2010), se enquadra na perspectiva da di-

mensão educacional cívica, tornando-se um espaço a serviço dos ideais de progresso e civilidade. A compreensão dos funcionários do Museu enquanto lição prática de história nacional promovia uma educação “visando principalmente à formação da consciência patriótica” (ABREU, 1996, p.182). A pesquisadora visitante do museu Ângela Telles reforça esta análise:

A atuação do museu não se restringia ao papel de agência informal de educação pública. A repartição chega a reivindicar o papel de verdadeira assessoria, no que concerne ao uso cívico-pedagógico dos símbolos históricos. [...] O Museu Histórico Nacional, neste momento, cumpre a função de guardião e difusor da memória nacional que, no Império o Museu Nacional e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tinham desempenhado. [...] Os servidores do Museu Histórico Nacional parecem, decididamente, preocupados em marcar o lugar da instituição como agência educativa, mas sem pretender abdicar do papel de difusores dos valores cívicos ligados à Nação. (TELLES, 1997, p.199-200).

Investindo no reconhecimento do potencial do Museu Histórico Nacional e de seu caráter educativo, Gustavo Barroso inicia uma campanha no relatório anual de 1935: reconhecer e intitular a instituição como a *Casa do Brasil*, argumentando que “na sua estética – como o único museu histórico federal – e na sua dinâmica – como estabelecimento universitário de aperfeiçoamento dos estudos conexos com a história nacional – a esta Repartição cabe de direito o nome da Casa do Brasil” (BRASIL, 1936, p.10). Apropriando-se deste conceito em discursos e publicações, Barroso constrói uma aura em torno da potencialidade do Museu Histórico Nacional, apropriada pela imprensa da época:

Os curiosos passam ao largo do Museu Histórico Nacional

Museu Histórico não é lugar para curiosos. É casa de pesquisadores e pessoas que desejam aprender. A função principal de um Museu não é a de satisfazer à curiosidade pública. Mas a de ensinar alguma coisa às pessoas que o visitam.

Suas atribuições estão longe de se resumirem na exposição de mostruário de objetos históricos. O trabalho de pesquisa está em plano superior. A curiosidade, pura e simples, vai desaparecendo das salas dos Museus Históricos.

O escritor Gustavo Barroso, diretor do Museu Histórico Nacional, defende este conceito. E diz mais: “Se a instituição que dirijo fosse apenas um conjunto de mostruários e exposições, ele não estaria dentro de suas reais finalidades. O objetivo do museu é muito profundo”. (OS CURIOSOS, 1956, [snt]).

Uma importante fonte de investigação do caráter educativo do Museu Histórico Nacional são artigos publicados nos volumes de seu Anais. Desde sua fundação, foi previsto em regulamento a

publicação dos Anais do Museu Histórico Nacional, sendo este um espaço para os próprios funcionários – que eram denominados como conservadores de museus – realizarem trabalhos sobre suas dinâmicas museográficas³. É interessante observar que o desejo por uma publicação científica própria era notoriamente justificado: instituições como o Museu Nacional, o Museu Paulista, o Museu Paraense Emílio Goeldi já tinham uma sistematização de periódicos que os inseriam nas discussões e contribuições na construção de conhecimento em perspectiva internacional, tornando-se espaços culturais de referência no Brasil para os pesquisadores nacionais e estrangeiros (LOPES, 1997).

A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA PATRIÓTICA: AS PUBLICAÇÕES NOS ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL SOBRE A FUNÇÃO EDUCATIVA DO MUSEU

Embora previsto desde 1922, o primeiro volume dos Anais do Museu Histórico Nacional só foi lançado em 1941, sendo relativo ao ano de 1940. Cabe ressaltar que a consolidação do Museu Histórico Nacional, bem como os debates e experiências cada vez mais especializados para o âmbito do museu, somado a episódios históricos e novas tecnologias⁴, aprimoravam debates, percepções e atendimentos com viés educativo. Através dos artigos publicados nos Anais entre as décadas de 1940 e 1950 três profissionais da equipe se destacam em reflexões sobre a relação museu e educação: Nair Moraes de Carvalho, Sigrid Porto de Barros e Dulce Cardozo Ludolf.

Nair Moraes de Carvalho teve sua trajetória na instituição intimamente ligada à temática da Educação: em 1935 iniciou no Curso de Museus, formando-se em 1936. Em 1937, foi nomeada interinamente para o cargo de Conservadora do Museu Histórico Nacional. Em 1944, tornou-se a primeira coordenadora do Curso de Museus, função que exerceu por 23 anos (SÁ; SIQUEIRA, 2007).

Em um dos volumes dos Anais do Museu Histórico Nacional – mais precisamente o volume VIII publicado em 1957 (atribuído ao ano de 1947) – Nair de Moraes Carvalho escreveu o artigo intitulado *Papel Educativo do Museu Histórico Nacional* (CARVALHO, 1957). A proposta da autora era analisar o papel da educação nos museus, se apropriando das referências mais recentes para a área, ações segundo ela já postas em exercício no Museu Histórico Nacional desde sua fundação, em 1922. Para esta proposta, a autora dialoga com a publicação “Musées et Jeunesse” (1952), do Conselho Internacional de Museus, composto por estudos de Germanine Cart (Museu do Louvre), Molly Harrison (Museu Geffrye de Londres) e Charles Russel (Museu de História Natural de Nova Iorque), prefaciados por Henri Fould e Georges-Henri Rivierè.

Fundamentando-se no preâmbulo escrito por Henri Fould, a autora afirma que o método de ensino a ser utilizado nos museus deve ser o mais familiar e o menos formal ou acadêmico possível, sendo condenáveis visitas escolares de grandes turmas, propondo como ideal a formação de grupos de 15 alunos para um conservador. A visita deveria causar a impressão de que o museu é um lugar especial, maravilhoso, despertando o interesse do retorno (CARVALHO, 1957).

A partir das referências de profissionais de museus da Europa, Inglaterra e América, Nair de Moraes Carvalho apresentou na publicação algumas atividades educativas, ressaltando três possibilidades de idas escolares: *dirigidas*, com uma programação prévia estabelecida pelos conservadores de museus; *livres*, realizadas com as indicações dos próprios professores; ou *combinadas*, dividida em dois momentos: uma visita dirigida para todo o grupo escolar e formação de subgrupos para estudos pontuais, posteriormente analisando os resultados de forma colaborativa. Segundo a autora, esta diversidade de visitas era também encontrada no Museu Histórico Nacional (CARVALHO, 1957).

Ao encerrar o artigo a autora analisa que desde sua fundação o Museu Histórico Nacional revelou seu caráter educativo, refletindo-se em inúmeras visitas realizadas pelo público para conhecer e aprender na Casa do Brasil. Adaptando-se e ultrapassando os diversos obstáculos resultantes de escassez de recursos, a instituição contribuiu não só para a educação in loco, mas também na defesa das relíquias esquecidas de todo o País através de suas iniciativas de ampla repercussão, como a Inspetoria de Monumentos Nacionais e o Curso de Museus, projetos que semearam, nas suas palavras, a *irradiação cultural* a partir do bem cultural, contribuindo para a formação da consciência patriótica.

Sigrid Porto de Barros iniciou em 1947 o Curso de Museus, formando-se em 1949. Principiando seus trabalhos no Museu Histórico Nacional em 1953, Sigrid Porto de Barros foi uma das funcionárias que atuou de forma mais expressiva com o público, sendo recorrente sua citação nos relatórios anuais quando eram descritos o fluxo de visitação e atendimento; um dos desdobramentos desta iniciativa é sua indicação para ser chefe da Seção de Pesquisa e Assistência Pedagógico-Museográfica da Divisão de Atividades Educacionais e Culturais do Museu Histórico Nacional em 1977 (SÁ; SIQUEIRA, 2007).

Um dos artigos publicados nos Anais que demonstra sua aproximação com a Educação foi o trabalho intitulado *O Museu e a Criança*, de 1958 (atribuído ao ano de 1948). Segundo a autora, “os objetos das coleções deverão ser os elementos que darão vida e concretização aos fatos narrados em aula, e os alunos, passo a passo, viverão o passado, nas salas que percorrerem” (BARROS, 1958, p.49).

No início do artigo, Barros evidencia um importante dado para a compreensão de todo o pensamento das práticas educativas realizadas no Museu Histórico Nacional na primeira metade do século XX: a autora enfatiza que, se antes os museus eram somente órgãos de preservação e pesquisa, no momento estes passaram a se articular com a Pedagogia, sendo um dos melhores meios usados pela Escola Ativa⁵ (BARROS, 1958).

Para os conservadores do museu que trabalhavam com visitas escolares, o Museu Histórico Nacional e os demais desta tipologia favoreciam significantemente o ensino de História, estimu-

lando a percepção de que o presente é consequência do passado, sendo importante aguçar nos alunos a investigação e análise crítica dos fatos históricos. Mas, segundo Sigrid Porto de Barros, para este processo de produção de conhecimento ter sucesso, as crianças precisavam ter contato com somente o que necessitavam ver, sendo fundamental um prévio diálogo entre professor e o conservador que conduziria a visitação.

Na parceria entre conservadores e professores o grande objetivo era estimular os estudantes a “ouvir, observar, discutir, experimentar e comprovar” (BARROS, 1958, p.72), sendo este visitante orientado para se sentir seguro e, consequentemente, um multiplicador, passando a orientar futuras visitas com amigos e a família. O público escolar possui curiosidade, espontaneidade, desinibição e, para potencializar esta energia no ensino escolar o museu foi apontado como um instrumento capaz de despertar interesses e sensibilizar o gosto pela história.

No volume XIII dos Anais do Museu Histórico Nacional, publicado em 1964, mas referente ao ano de 1952 – período que o volume deveria ter sido impresso, Sigrid Pôrto de Barros publicou o artigo *A mensagem cultural dos museus*. Nesse texto é interessante observar a preocupação da autora em mostrar o museu e o seu acervo em um contexto em que o cotidiano é mais acelerado, há novos meios de comunicação, as pessoas são mais exigentes. Segundo ela, o museu passa a ter como competência “não só promover sua preservação, mas utilizá-las em caráter cultural” (BARROS, 1964, p.219). Assim, a autora valoriza o potencial do museu para as visitas, em especial as escolares, através de seu emprego enquanto método visual, que através da História da Pátria seria um grande auxílio da Escola Ativa, propagando a formação da consciência patriótica de seus visitantes.

Ainda no volume XIII dos Anais do museu, outro trabalho também chama atenção ao tema abordado. Intitulado *Nova Diretriz para o Museu*, o artigo de Dulce Cardozo Ludolf – matriculada no Curso de Museu em 1940 e formada em 1941, tornando-se funcionária da instituição em 1942 –, valoriza em sua análise o museu enquanto centro de pesquisas e espaço de interesse, esclarecimento e instrução para os visitantes, potencializando a capacidade educacional dos acervos. Nesta perspectiva a divulgação se torna um importante meio para o conhecimento do acervo e das suas atividades, valorizando instrumentos que divulgam as ações dos museus, tais como publicações, cursos, aulas, sessões cinematográficas e, em especial, as exposições:

O público passa a ter uma importância maior para os pesquisadores, e é com o intuito de interessá-los e esclarecê-los que eles se movimentam criando ambientes ao mesmo tempo atraentes e instrutivos e organizando palestras, conferências, visitas explicadas às suas várias galerias, etc. Esse trabalho denominado pesquisa educacional, estabelece os moldes em que devem ser organizadas as exposições, bem como os métodos mais incisivos de apresentação dos objetos. (LUDOLF, 1964, p.193-194).

Ao analisar os diversos projetos realizados pelo Museu Histórico Nacional é possível observar que todas as ações promovidas eram alicerçadas por uma equipe comprometida com a educação cívica e a potencialidade do sentimento patriótico. O incentivo por parte do corpo funcional não poderia ser diferente: sua formação era oriunda da própria formação do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, capacitando profissionais compromissados com os preceitos da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma simples frase, de menos de duas linhas, Gustavo Barroso – idealizador e diretor do Museu Histórico Nacional de 1922-1930 e 1932-1959 – resumiu o papel idealizado pela instituição desde sua origem: “E assim revivemos e assim sentimos e aprendemos melhor a querer ainda mais o Brasil” (BRASIL, 1944[?], p.9). Os estudos da trajetória dos museus e atividades museais a partir dos conceitos que alicerçam a História Cultural e História da Educação permitem voltar à atenção para a construção e transmissão de significados culturais capazes de afirmarem identidades e discursos através de sua profunda relação com o social, prática consolidada e validada ao longo do tempo pelas instituições museológicas.

Estudar a história dos museus a partir da perspectiva da Educação evidencia um rico material sobre a trajetória dos museus a ser revisitado e/ou descoberto. Investigar as exposições de longa e curta duração, os guias e catálogos, as publicações, os eventos de caráter comemorativo, os cursos realizados e as relações da instituição com o visitante sob a perspectiva da História da Educação é um desafio posto e que necessita de atenção.

NOTAS

¹ A dissertação foi defendida na linha de pesquisa História, Memória e Educação, sob orientação da professora Dra^a. Zita Rosane Possamai.

² Um dos acessos ao decreto de criação nº 15.596 de 02 de Agosto de 1922 é pela publicação intitulada Legislação, uma compilação de documentos referentes à instituição publicada em 1946 pelo Ministério da Educação e Saúde.

³ A ação museográfica abrange tarefas básicas de um museu, compreendendo as atividades de coleta, conservação, investigação, interpretação e exibição dos objetos em salvaguarda na instituição (NOBLE, 1970, apud MENSCH, 1992).

⁴ A Segunda Guerra Mundial e as novas tecnologias, como o cinema e a televisão, problematizaram a disseminação da informação, e os profissionais de museus também traziam estas temáticas para o debate. Em artigo intitulado A mensagem cultural dos museus Sigrid Porto de Barros, funcionária do Museu Histórico Nacional, analisa: “Os anos que se seguiram à segunda Grande Guerra Mundial, revelaram um mundo perplexo, diante das rápidas transformações de

ordem social e política; de um vertiginoso progresso da técnica, do aproveitamento e exploração de novas formas de energia. [...] Como poderão sobreviver, culturalmente, os museus numa era atômico-espacial, se continuarem a enfileirar suas coleções como raridades valiosas, num puro espírito de Casa das Maravilhas? (BARROS, 1964, p.218-219) [atribuído ao ano de 1952].

⁵ Segundo Clarice Nunes (1998), ao estudar as propostas da Escola Nova, em especial no Brasil, percebe-se que a perspectiva deste movimento constituiu-se, sobretudo, numa “estratégia política de secularização da cultura, [...] desvendando-lhe novas funções e finalidades na formulação de representações e práticas reestudadas” (NUNES, 1998, doc. eletr.), sendo um desses desdobramentos o alargamento da concepção de linguagem escolar, propondo uma construção de produção de significados para além do domínio oral e escrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina. A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco; Lapa, 1996. 255p.
- BANN, Stephen. Introdução: As invenções da história. In: _____. As invenções da história – ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: UNESP, 1994. 292p.
- BARROS, Sigrid Pôrto. A mensagem cultural do Museu. Anais do Museu Histórico Nacional, vol. XIII. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1964. p.216-228. [? 1952].
- _____. O Museu e a Criança. Anais do Museu Histórico Nacional, vol. IX. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958. p.46-73. [? 1948].
- BARROSO, Gustavo. Introdução à Técnica de Museus. vol.01, 2.ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/ Gráfica Olímpica, 1951. 350p.
- BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Museu Histórico Nacional. Legislação. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/ Serviço de Documentação, 1946. 83p. [folheto nº46].
- _____. Ministério da Educação e Saúde. Museu Histórico Nacional. Relatório Anual do Museu Histórico Nacional – 1936. Museu Histórico Nacional, 1937. 21p. [Arquivo Permanente].
- _____. Ministério da Educação e Saúde. Museu Histórico Nacional. Relatório com Dados Informativos das Atividades do Museu Histórico Nacional no período de 1930 a 1944. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1944[?]. 09p. [Arquivo Permanente].
- CARVALHO, Nair de Moraes. Papel Educativo do Museu Histórico Nacional. Anais do Museu Histórico Nacional, vol.VIII. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957. p.18-30. [Volume atribuído ao ano 1947].
- CHARTIER, Roger. Defesa e Ilustração da noção de representação. Fronteiras, Dourados, MS, v.13, n.24, Jul/Dez, 2011. p.15-29.

- LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997. 369p.
- LUDOLF, Dulce Cardozo. Nova Diretriz para o Museu. Anais do Museu Histórico Nacional, vol. XIII. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1964. p.189-200. [Volume atribuído ao ano 1952].
- MAGALHÃES, Aline Montenegro. Colecionando relíquias... um estudo sobre a Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934-1937), 2004. 152p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- MENSCH, Peter van. Trad. Tereza Scheiner. Modelos conceituais de museus (e suas relações com o patrimônio natural e cultural). Boletim do ICOFOM-LAM. Buenos Aires - Rio de Janeiro: n. 4/5, Agosto de 1992. 10p.
- NUNES, Clarice. Historiografia comparada da escola nova: algumas questões. Revista da Faculdade de Educação, vol.24, n.1, São Paulo, Jan./Jun. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: jun/2011.
- OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. O conservadorismo a serviço da memória: Tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso, 2003. 119p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2003.
- OS CURIOSOS passam ao largo do Museu Histórico Nacional. Jornal Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 09 de Março de 1956.
- PEREIRA, Marcelle Regina Nogueira. Educação Museal: entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional, 2010. 180p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2010.
- POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio e História da Educação: aproximações e possibilidades de pesquisa. Revista História da Educação, v. 16, n. 36, Jan/Abr. 2012. p. 110-120.
- SÁ, Ivan Coelho; SIQUEIRA, Graciele Karine. Curso de Museus – MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, 2007. 258p.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A escrita do passado em museus históricos. Rio de Janeiro: Garumont/ MinC/ DEMU, 2006. 142p.
- TELLES, Angela Cunha da Motta. Mostrar, estudar, celebrar – apontamentos sobre a história das atividades educativas no Museu Histórico Nacional, 1922-1968. Anais do Museu Histórico Nacional, vol. XXIX. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Museu Histórico Nacional, 1997. p.187-210.

